

Debate sobre a Conferência de Dom Luiz Demétrio Valentini

*Sintetizador: Erik Dorff Schmitz**

* Graduando do 2º ano de Teologia da FACASC.





Debatedor, Pe. Dr. Vitor Galdino Feller: Iniciou sua reflexão elogiando a retrospectiva feita a respeito da eclesiogênese da Igreja em Santa Catarina, em comunhão com a caminhada histórica da Igreja no Brasil à luz do Concílio Vaticano II. Questionou sobre como fazer com que os bispos assumam de fato o sentido pleno de sucessores dos apóstolos e também de “vigários de Cristo”, e não vigários do vigário de Cristo, com sua *auctoritas, parresia e profecia*. Como trabalhar mais em nosso tempo o profetismo social, não só dos bispos mas de toda a Igreja, profetismo bastante apagado na atualidade? Como fazer um verdadeiro retorno a Jesus de Nazaré, e passar de uma Igreja preocupada com o triunfo, para uma Igreja mais simples, *kenótica*, sóbria, empenhada em lutar contra os poderes religiosos das “novas religiões” do nosso tempo. E o que teria acontecido com a Igreja se não fosse o Concílio?

Dom Demétrio concordou com a necessidade de os bispos terem maior colegialidade e comunhão, bem como eles e a Igreja darem maior ênfase às questões sociais, buscando configurar-se de fato a Jesus de Nazaré. O Concílio abrangeu um leque muito grande de preocupações como essas, que não podemos deixar de partilhar.

Outras questões da assembleia, comentadas pelo conferencista **Dom Demétrio:**

1ª – Neste jubileu de abertura do Concílio vemos muito como negativo, ou seja, o que ainda não se realizou do Concílio. Porque não se salienta mais a dimensão da continuidade do Concílio, como a Comissão que o preparou?

R.: O Concílio Vaticano II foi uma benção e alegria, porém receia-se que se feche o processo de sua recepção.

2ª – O Concílio Vaticano II abriu a perspectiva para o mundo moderno, mas já estamos no pós-moderno (da globalização e consumismo; cultura individualista e autonomia do sujeito na prática; secularização total; perspectiva niilista e falta de sentido de vida). Quais as propostas do Concílio para enfrentar o nosso mundo, ou há necessidade de se fazer um outro Concílio?

R.: Devemos nós mesmos fazer “pequenos concílios”, nas bases. O Concílio Vaticano II talvez veio cedo demais, antes da virada cultural de 1968. Ou talvez veio tarde demais. Em tempos de crise, tem-se a volta



do conservadorismo. É motivo para um novo Concílio? Pode ser. Nesse caso, teríamos o aprendizado recente do Vaticano II.

3ª – Uma palavra muito usada no Concílio Vaticano II foi “serviço”. Essa atitude devemos recuperar na Igreja pós-Vaticano II. Na liturgia se pergunta muito o que eu posso fazer ou não posso fazer, mas essa pergunta é errada. Deve-se perguntar como eu posso celebrar melhor o mistério de Deus. A grande ênfase da *Sacrossantum Concilium* não foi mudar ritos, mas fazer com que o mistério de Cristo fosse melhor recebido. Ficamos porém muito na mudança exterior, e a mudança interior onde está?

R.: Os apóstolos se deram conta de que deveriam partilhar o serviço. Quanto a nós, é preciso estarmos abertos a novas ideias e propostas para dinamizar os ministérios, os serviços: dos leigos e leigas, diáconos e presbíteros.

4ª – Onde estão os nossos profetas hoje, já que a geração profética conciliar não existe mais? Por exemplo, na história de Israel, quando os profetas cessaram, surgiram os anônimos, como o 2º Isaiás. Hoje, na ausência de Deus na sociedade, a tímida recepção do Vaticano II não seria um profetismo minguaado?

R.: Já que estão faltando grandes profetas, então vamos ser todos nós pequenos profetas, mas profetas de fato.